

Colóquio Internacional: **Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo**

6 a 10 de dezembro de 2011
Laboratório de Geografia Política
Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo
São Paulo – Brasil

A teoria e prática em Élisée Reclus: a militância de um geógrafo anarquista

Ademário Alves Santos
NPGeo-UFS - ademarioalves@bol.com.br

Resumo

A autoridade em Geografia, no atual contexto, em que é celebrado o centenário de morte do Geógrafo Elisée Reclus depara-se com uma das temáticas mais intrigantes, especialmente, quando postas de um lado, a necessidade de atualizar o pensamento de Reclus, do outro, retirar lições de sua militância. Compreender a geografia em Reclus assume uma relevância quando são incorporadas as temáticas políticas subsidiadas a discussão no campo da práxis. Verificar no anarquismo, enquanto opção e escolha radicais numa metodologia para realizar ciência e política. A produção da pesquisa baseia em três etapas: reflexão sobre as obras; narração da importância da luta pela transformação e a produção bibliográfica revisada. Finaliza ao discernir o engajamento por conta das decisões tomadas numa vida de leituras, observando a situação de exploração e as estratégias dos dominadores e, uma cuidadosa aproximação com o mundo dos saberes necessário à geografia.

Palavras-chave: geografia, anarquismo, ciência e militância

Considerações Introdutórias

Esta pesquisa busca compreender a importância e a atualidade do pensamento de Elisée Reclus para a (re) organização da militância política na fase mais aguda das crises do modo de produção capitalista; visa também restabelecer a importância de Reclus para o diálogo, em especial, quando se vincula à temática do trabalho como categoria ontológica. A desordem dos termos não preocupa o pensador, uma vez em que a necessidade de correção: seja de uma visão particular da luta de classe, que se processava na Europa de seus dias; seja na elaboração de uma estratégia capaz de tornar seu pensamento aceito, questionado e repudiado. A discussão presente nas intenções da pesquisa reforça uma necessidade de resgatar o intelectual em sua etapa mais devastadora: o cárcere. A restrição de parte do movimento anarquista à sua visão particular do mundo das lutas e das injustiças; da opressão a que os trabalhadores estavam submetidos e a repercussão de suas polêmicas não opunham seus adversários. Cabe lembrar que Reclus de alguma forma sabia de sua influência e de suas responsabilidades intelectuais, afinal numa vida entre a liberdade e a prisão, o laicismo e a apurada interpretação histórico-geográfica dos fatos não o poderia deixar de ser, ele próprio, a referência aos geógrafos de gerações futuras.

O procedimento metodológico trilha por uma interpretação histórica de seus textos disponíveis em livros, em artigos e jornais, revistas especializadas, além de sites especializados, produzidos na Europa, Estados Unidos e México - países em que pensamento de Reclus passa por uma releitura. Diria que esta etapa é parte de outra relevante que consiste em analisar o pensamento de Reclus à luz daqueles textos mais atuais, especialmente quando se pode vinculá-lo à temática trabalhista abandonada em parte pela comunidade de geógrafos do século XXI. Atente-se ao fato de que esta pesquisa é o resultado obtido *bona fide* levando em consideração o resgate de determinadas incursões nos campos da geografia humana. O começo pela qual esta pesquisa havia se assentado foi possível a partir de algumas reflexões alicerçadas na importância das leituras de parte da obra de Reclus. Este procedimento e esta instrumentalização das intenções apresentavam como finalidade diluir a perplexidade que aqueles questionamentos faziam-se inquietantes para a formação de uma militância política engajada às causas sociais e comprometida com as demandas formais de uma academia que se divorciasse do laicismo e da ignorância no sentido mais profundo.

O geógrafo, que se interessa pela obra e pelo pensamento de Elisée Reclus, depara-se com uma questão crucial. Esta preocupação reside no seguinte dilema: onde colocar Reclus, na geografia ou na ação política? O pensamento político em Reclus não é resultado de uma formação distante das interrogações filosóficas em si. Não basta apenas interrogações sobre a condição de existência material dos homens, entretanto, um radical posicionamento político a cerca das condições objetivas que se tem que lutar por transformá-las. Questionar obedece a um propósito que leve a ação engajada na medida em que o contexto permite redefinir seus posicionamentos, independente das condições serem ou não favoráveis. Porém, convém verificar que a permissão não está condicionada a um oportunismo político e intelectual em virtude de uma vida atribulada na militância. As definições, por exemplo, do Estado, tendo como base as derivações originárias da organização social dos homens, através de uma sistematização que evidencia as condições de dominação exercidas pelo grupo social que controla os instrumentos de poder, colocam-no em sintonia com a necessidade de redescobrir Reclus não somente num contexto de aproximação com as lutas e organização da vida social através das subversões, mas unido a toda uma capacidade de atualizar seus escritos conforme as demandas do presente. O Estado, em Reclus, não é uma instância isolada de sua base ainda que esta se volte contra a situação social do próprio Reclus.

Observa Vincent (2003) que a pluralidade das ideias que faz gerar a diversidade do pensamento de Reclus não deve irromper os limites de um posicionamento político consciente de sua situação histórica. É importante compreender Reclus não considerando apenas um aspecto de sua produção teórica e prática nas formas quais os fenômenos são observados e ordenados racionalmente, desaguando numa impossibilidade que tende a conduzir por uma trilha desconhecida¹. A pluralidade não pode se desviar de suas conclusões sobre o contexto pelo qual a expropriação do homem se dava conforme a precariedade das condições de vida. A partir de um ponto de vista unilateral, o trabalho de Reclus vai-se diluindo em narrativas que, no dizer de Lukács (1978), não são capazes de apresentarem vertentes mais consolidadas quando postas à explicação geral dos fatos e carregam uma capacidade precária de expor as explicações.

¹ É importante observar que este desconhecido/desconhecimento é no sentido de não se saber o que se espera do mundo. Assume também uma postura de ignorância quando se aproxima das intenções da própria pesquisa que procura traduzir os desafios que se apresentam estranhos a este mundo novo. Por também querer desvendar este mundo novo transforma-se em missão praticamente impossível como bem anunciara Bérson em suas *lições de filosofia antiga*. O mundo do pesquisador que procura desvendar as passagens que o atormentam. Este conhecimento é aquele que subverte a ignorância e irrompe as correntes do medo.

A teoria e a prática em Reclus: os fundamentos das reflexões geográficas

Os fundamentos das reflexões geográficas, logo após a segunda metade do século XIX, estão nas entrelinhas da formulação do pensamento geográfico de Reclus. Estas preocupações estão presentes nos estudos quando o geógrafo considera a ação do homem como modificadora da natureza². Entretanto, as temáticas não eram necessariamente àquelas que sustentavam a base dos discursos oficiais³ na medida em que suas propagações afastavam-no dos circuitos formais por um academicismo excludente. Segundo Kropotkine (2008), o cientista não precisa mudar sua postura se esta estiver vinculada a uma ética que se aproxime dos laços da solidariedade. Para ele, esta condição o afasta de um individualismo que não edifica o homem. Convém ressaltar que os conteúdos da ética e, em particular da moral, não interessavam a Reclus quando seus posicionamentos eram postos à prova e comparados a uma ação política engajada, sobretudo numa militância política em terras não francesas. O pensamento é monitorado seguindo um roteiro aparentemente simples: um apanhado de informações sobre as áreas pesquisadas e a importância destas, em primeiro lugar, para os habitantes locais. Reclus conduz as pesquisas vinculadas à observação da natureza numa perspectiva que requer um estilo literário próprio, amarrando-as a uma linguagem que reflete diferentes tempos e ajustando-as às narrativas cuidadosamente refletidas numa laboriosa redação em que a busca pelas informações subjacentes, é levada adiante. O trabalho geográfico é pormenorizado, tomando como base uma descrição que, Lukács⁴, consideraria supra-especial. Knowles (2009) observa que relevância das reflexões de Reclus e, conseqüentemente, os esclarecimentos quanto às exigências de observar à sua contribuição à Geografia e às causas libertárias advém, em parte, pela necessidade pertinente quando considerada à margem das expectativas que gerariam os resultados postos sobre a emergência do erro e do acerto presente em toda a ação humana, como argumenta Popper (1978). Os empreendimentos humanos merecem a atenção do pensador na medida em que são compreendidos sobre as bases mais originárias da formulação do poder e do aparato político que demarca o território. O conhecimento

² Ver Reacion de L’homme sur la nature; Exploration du globe; Voyage des découvertes; L’ascensions de Montagnes. in la terre. 4ª éd. Paris. Hachette.

³ Expressão que não deve ser compreendida como institucional ou qualquer outro significado que venha a colocá-lo numa posição conservadora, levando-se em conta os valores da época. Quer dizer tão somente uma situação em que o autor não tenha se posicionado publicamente. Ver Reacion de L’homme sur la nature; Exploration du globe; Voyage des découvertes; L’ascensions de Montagnes. In la terre. 4ª éd. Paris, Hachette.

⁴ Op. p.26

gerado pelas luzes oriundas das anotações de Reclus, ora intercalado por uma diacronia singular, ora sobreposto às circunstâncias políticas e teóricas que os diferentes contextos demandam e não deixam dúvidas quanto à sua complexidade. Recorde-se que tal prerrogativa ressurgiu-se nas lacunas entre o engenho teórico e a militância política fora da França. O legado do intelectual assenta-se também sobre a forma pela qual ele traça as características de sua obra posta em parte no anonimato pela influência política e econômica de seus adversários. É apresentado um recorte histórico o delineamento de uma espécie de relação destes recortes, tendo como substrato suas transformações sociais a partir das relações estabelecidas entre o homem e a natureza. Nestas reflexões, a natureza não é parte alheia.

A justaposição de suas ideias, em especial, àquelas que auxiliam na narração dos fenômenos descritos por ele em suas andanças, procura explicar o surgimento do Estado, da propriedade e, na linha descritiva, também a origem e situação social da família, anulando a antipatia pela não ação. Essa complexidade se faz contribuinte para a elaboração de uma geografia humana radical e não se reflete na Geografia que se faz na atualidade justamente pela filiação intelectual conservadora e pela abundância de trabalhos não comprometidos. A influência do pensamento anarquista é o resultado de uma necessidade externa à Geografia. Assim, as vicissitudes de sua contribuição no campo político podem ser plenamente colocadas sob o âmbito de um trabalho inconcluso na medida em que é o próprio tempo da ação que se encarrega de envelhecer ou não as reflexões sobre Reclus, porém de forma alguma isto atinge a relevância de sua obra, em especial aquelas ainda não revisadas. O tratamento que se espera que seja concebido não é um opúsculo posto no esquecimento. Trata-se, portanto, de uma contribuição que requer lembrar-se dos caminhos singulares que toda a produção de uma pesquisa se reflete na vida do pesquisador. Reclus é este caminho sombrio para quem quer respostas certas e direcionadas.

O Surgimento de Reclus e as questões geográficas: O Poder do território e a ação Política

Era fim de outono, quando o mestre Élisée Reclus começara a elaborar as ideias de sua *L'évolution, la révolution et l'ideal anarchique*, 1897. A obra de certa forma reflete sua militância que, há anos, causara as restrições por demais conhecidas. Os primórdios do pensamento de Reclus, certamente, devem seguir a sequência histórica e inexorável de todo grande pensador, engajado,

naquela Europa que se modernizava abruptamente, mas que ainda dava às caras com as estruturas medievais reinantes de forma concisa, especialmente no leste do continente.

O surgimento de Reclus como intelectual marca para a geografia do século XIX uma dimensão a qual os geógrafos ainda não estavam preparados para interpretá-la, ou se estavam, por razões políticas não admitiam discuti-la. Reclus ao elaborar suas reflexões sobre a natureza não as fazia de forma dissociada do humano. Como enfatiza Zimmern (2003), a proposta que, talvez, pudesse ameaçar o predomínio de determinadas estruturas dominantes e permanentes não seria um ensinamento novo do velho mestre, mas uma postura nova a qual denunciase o contexto pelo qual o homem europeu estava socialmente inserido. Reclus não via a natureza como palco em que a vida do homem se desenrolasse espontaneamente. Para ele, haveria um jogo, uma trama entre o homem e a natureza que prescindia ao geógrafo enxergá-lo. O uso dos recursos, as articulações em torno das nuances retratadas pela repartição de poderes punham um mapa novo à localização dos interesses que se entrelaçavam no jogo político da dominação. Para o geógrafo, entender esta tal realidade, a partir deste mecanismo, era preciso ultrapassar o vigor reacionário de uma ciência que não se libertava das garras do positivismo e de geógrafos que não se subvertiam ao prestígio e as influências do poder, especialmente, estatal.

Reclus assistiu a fúria reacionária no papel desempenhado pelo costume e pela tradição que materializava as ações dos grupos sociais dominantes. E ele sabia que esta era a condição que subtraía o poder de mobilização ou mesmo de uma leitura mais apurada e crítica do contexto social. Esta leitura de Reclus repousava sobre a formação social da própria família que inicialmente não aceitava a sua condição política engajada. Ferretti (2008) entende que esta situação o obriga a viajar pela Europa e é nesta nova realidade que o anarquista refaz sua visão de mundo e de modo particular reaprimora sua formação de geógrafo. Estaria aí uma contribuição à Geografia moderna que se faz hoje? Reclus não deixaria em aberto tal profecia, entretanto, suas influências que no campo da política e das lutas revolucionárias o fariam acreditar que sim. E isto era uma contribuição atemporal como acrescenta Fleming (2002). Para este autor, Reclus era o resultado de uma postura política radical o qual não caberia abandonar, por uma convicção que não estivesse associada à sua necessidade subversiva, toda a sua trajetória política. O anarquismo e conseqüentemente todas as suas derivações, em Reclus, eram desfavoráveis se não fosse um espírito decidido em criar, recriar e enxergar realidades novas e capazes

de serem transformadas. Para Reclus, a Geografia não tinha outro caminho que não fosse o de promover a transformação e esta não viria caso não fossem rejeitados os valores e os confortos dominantes.

Reclus interpretava a importância do Estado como uma instituição formal consolidada pelo poder oriundo da exploração, porém ele acrescentava que entre as exclusões que o Estado tutelava havia uma que deveria merecer a atenção dos geógrafos, o étnico. Exatamente no contraponto de sua existência é que este tema custa-lhe caro. De que forma o sionismo ajuda a responder esta questão? Deve-se olhar para trás e nas estruturas literárias pertinentes da época procurar entendê-lo, dentro dos limites de suas convicções políticas e sociais. A estrutura jurídica fortalecida pela força dos dominantes pode ser um caminho. Para Reclus, o homem haveria de vir em primeiro lugar não importando a sua condição étnica. Ressalte-se que essa premissa o coloca no campo de um humanismo radical que professa suas bases num nascedouro político na incubadora do anarquismo.

Segundo Fleming (2006, p.15)

Devemos, portanto, verificar as coisas a partir do que é conhecido, disponíveis e públicas, nomeadamente as obras de Eliseu Reclus e arquivos relacionados a ele. Aproveitamos esta oportunidade para esclarecer como um geógrafo e um anarquista na segunda metade do século XIX °faz análise de grupo étnico sem Estado, como os judeus. É realmente a compreender as questões científicas e uma abordagem política no seu contexto histórico e cultural.

Reclus, como atesta Fleming, (2006) não se preocupava apenas com as necessidades imputadas a uma organização jurídico-administrativa denominada de Estado, mas de que forma os contingentes humanos sobreviviam à sua margem ou até mesmo na sua ausência ou ainda na precariedade de sua atuação. O anarquismo de Reclus não é, portanto, um florescimento de ideias elaboradas para produzir um efeito político dominante, ainda que o geógrafo considere a importância das potências colonizadoras conforme vá se diluindo em seus trabalhos a relevância econômica a partir do papel desempenhado pela Inglaterra. Os argumentos de Reclus podem ser postos na mesma direção

de Raffestin (1978) quando este discute a importância das relações de poder na composição dos territórios e dos domínios políticos que se entrelaçam nestas relações; aquele, todavia, enfatiza a organização do poder numa espécie de sistematização que tende a desaguar nos limites do Estado moderno e na origem dos grupos que, conforme o fundamento de uma composição social precária aprimora-se com suas próprias dificuldades. Reclus volta a sua atenção para o confronto que se encerra na competição presente nos limites das narrações antropológicas dos grupos sociais e das articulações que estes realizam nas lutas pela consolidação de suas forças políticas. Assim, ele traça o perfil das ações dos poderosos quando narra também o estilo de suas dominações ainda que norteadas pela centralidade e neutralidade de um conhecimento que não se refaz emancipado. Reclus aos poucos vai construindo as bases de sua geografia que nas descritivas ações humanas trilha por um caminho que se busca firmar em horizontes metodológicos excludente à Geografia fundada sobre a estética de Humboldt. Resta então um desafio: como encontrar espaços para determinados conceitos, hoje, consolidados e divergentes? A questão, que o aproxima das argumentações a cerca do território, o coloca próximo às certezas de Raffestin (1980), quando parecem perceptíveis os esclarecimentos a respeito do conceito e do significado do território e de todas as suas implicações circunscritas à vida do homem europeu do século XIX. Nesse sentido “*a imagem ou modelo, ou seja, toda construção da realidade é um instrumento de poder e isso desde a origem do homem*” (1980, p. 145). Assim, o cientificismo e a técnica das escolhas dos conteúdos realçam os contornos de suas palavras, que prezam pelas narrativas minuciosas numa geografia iluminada pelas luzes dos procedimentos metodológicos tradicionais. Para Reclus, a junção de saberes oriundos da academia, a conscientização conforme prevista na prática política militante; a investigação dos momentos históricos para o fortalecimento da consciência política, não devem ser resumidos tão somente a um contexto identificado com as dificuldades econômicas e sociais de sua época. Por quanto, toda estrutura social descende de fontes muito ancestrais cujas temporalidades caracterizariam este homem que pode ser consciente de si e de seu papel na sociedade desigual em que os valores dominantes tendem a conservá-la e esta conservação tem no território suas materialidades. Para Raffestin (1980. p. 149), não encerrando as questões territoriais, nota-se “uma ruptura entre a imagem territorial projetada e o território real” Todavia, faz-se necessário que tais experiências sejam expoentes de um contexto que englobe todas as existências do homem a partir de sua origem mais natural possível⁵.

⁵ Os trabalhos de Fleming auxiliam nesta interpretação quando ressaltam a liberdade de procurar um caminho para o entendimento de Reclus sem abdicar-se de uma crítica adequada às necessidades históricas em que os textos de Reclus foram escritos. *The Theoretical Works and Political Activities of Elisee Reclus: A Study in the Development of Anarcho-*

Neste sentido, é conveniente apresentar as origens das indagações de Reclus quanto à sucessão de saberes do homem ao longo de toda a sua trajetória histórica não fora nada fácil. Contudo, faz-se fundamental resgatar as buscas contidas nas informações narradas por Fernandes (1985, p. 61), a cerca dos desafios de Reclus. Reclus ao comentar a formação do Estado e da propriedade privada faz o alerta ao chamar atenção às implicações causadas pelas generalidades das explicações. Para ele, conforme, Fernandes (1985, p. 61), tenderiam a manter o *status* de verdades permanentes, observando a forma pela qual se entendia tal origem. Dessa forma, “*a origem da primeira família no sentido patriarcal, família bem diferente daquela compreendida em nossos dias, foi exatamente a mesma que deu origem ao Estado.*” É neste emaranhado teórico de idas e voltas às argumentações, que a obra de Reclus é universal e atemporal e pode está diretamente vinculada a uma manifestação que expõe suas certezas estéticas no plano político. Assim, quanto à problemática conceitual, a compreensão do poder em Reclus permanece ainda em aberto por conter em seus enunciados divergências que extrapolam os limites teóricos, gerando definições que podem ser inicialmente colocadas no campo das transformações sociais vinculadas ao contexto pelo qual ele estava inserido. Esta estética tem na sua origem a divisão do trabalho pautado na força física do homem, no controle e no domínio do território, os quais ditam as demandas para a composição das necessidades do grupo social que ora conduz as instituições. A organização social é, portanto, bastante fechada e linearmente composta pela força dos indivíduos que controlam o poder, que apresentam nesta abordagem o direito de vida ou de morte dos demais membros e que manipulam as forças opositoras conforme o tipo de necessidades que esteja em jogo. Percebe-se ainda nas narrações de Reclus, a necessidade de visualizar ao longo dos tempos de aprendizagem dos humanos uma forma de apresentar uma explicação para tal organização social. Reclus não propõe desconsiderar ou destruir os procedimentos novos, apenas procura apresentar e descrever as circunstâncias colocadas em um novo caminho que seja capaz de apresentar algo inteiramente positivo dentro dos limites de uma compreensão capaz de instrumentalizar-se de acordo com as urgências que se têm em mãos. Onde Reclus teria percebido isto? Nas viagens que fez pelo mundo, ele não voltou o mesmo. No plano político da ação, uma explicação nova, sem perder o alcance das mudanças que precisam ser postas aos homens. Conforme anota e descreve o próprio Reclus⁶, a

Communism, 2002. Life, Liberty and Pursuit of A. Natural Order. The Anarchism of Elisée Reclus. 2007. The Geography of Freedom: The Odyssey of Élisée Reclus, 2003. The Anarchist Way to Socialism: Élisée Reclus and Nineteenth-Century European Anarchism. 2006.

⁶ Em Reclus, Elisée. Nestes manuscritos, o pensador admite a divisão da história em o do acaso e da ignorância; o da ciência ou da razão. Desta experiência Reclus faz entender que o positivismo em suas observações ainda que este tenha

história não pode ser apenas uma narração unilateral, a que se observar a pluralidade não somente da vontade de alguns. Em *L'at et le Peuple*, Reclus argumenta que:

No entanto, não estou nada satisfeito. É este fato que é a verdadeira arte? Posso encontrar nele a consolação das dores, a pausas do cansaço da vida diária e desgraças profundas que nos acompanham por toda a nossa vida? Será que todas essas pinturas, esculturas, objetos gravado ou bordado me fazer esquecer a miséria sórdida e fora da presença do policial armado que, além-, perto da porta, ou na sala em si, pode falhar a sua arma a um cidadão pacífico e fratura seu crânio? Não, toda essa arte multicoloridas que acumula os seus produtos incongruente em salas emprestadas pelo Estado só pode ser uma arte falsa e mentirosa, pois não é o trabalho de um povo livre⁷.

É importante enfatizar que estas concepções colocam o anarquista noutra extremidade dentro do discurso geográfico, em especial, quando se vincula ao conceito de território. A interpretação do território passa a despertar o interesse da comunidade de geógrafos na medida em que, anos depois, seria entendido como o palco para dominação e para o desenvolvimento das relações de poder. É oportuno notar, nesta ótica, que a tradução moderna dos enunciados de Reclus pode perfeitamente estar contida nas interrogações realizadas por geógrafos de várias tendências vinculados aos movimentos políticos e ideológicos nos circuitos intelectuais da própria geografia que se faz noutros palcos não Europeus, a exemplo da geografia mexicana, com os olhares voltados para os imigrantes que adentram ilegalmente nos Estados Unidos, da Geografia que se faz no próprio Estados Unidos, com um olhar voltado aos americanos pobres não inclusos na sociedade de consumo. Deve-se ressaltar que o pensamento de Reclus é balizador também para os geógrafos que, publicamente, não professam o anarquismo visto que os pressupostos e as narrativas iniciais da relação de apropriação da natureza demandam conhecer o trajeto teórico de uma interpretação que procura enxergar o surgimento das

sido de certa forma contestado a partir de suas formulações teóricas não formais. Florestan Fernandes (1985, p. 105) admite a Reclus uma oportunidade nova que o anarquista projeta quando, em suas narrações, o cuidado com a análise é levada até as últimas consequências.

⁷ Extraído de Ishill, Joseph. (1927). *Elisée Reclus e Élie: In Memoriam*. Compilado, ed. e impressos por Joseph Ishill. Berkeley Heights, NJ: Oriole Press.

questões territoriais além dos limites concretos. Se em Althusser (1998), é importante que o conceito seja entendido, em Reclus é necessário que o tempo seja posto como instrumento capaz de revelar as intenções do homem quanto às iniciativas de fortalecer conceitualmente o poder a partir das práticas territoriais. Reclus subscreve as iniciativas de Althusser, (2010), quando as instituições, através da ideologia, fundamentam o pensamento burguês.

Os resultados das aliterações e dos estudos de um expoente a altura de Reclus trazem uma possibilidade política na construção de um fundamento também político importante: *ratio summa* não vazio, não doutrinário e associado ao universo da academia pela trajetória especialmente prática daqueles que se dedicam à temática social e procuram colocá-la dentro de uma concepção que não descarte a militância política e intelectual. Sendo um homem de ação em todas as circunstâncias de sua vida social, Reclus não abandona as explicações especialmente quando se reporta a algumas questões vinculadas à temática política. Essa dualidade vivida entre o político e as atitudes do geógrafo militante o fez levar a crer que a posição da Inglaterra, em rever para si o domínio das colônias e em seguida renunciar a esta ‘loucura,’ é, para as interpretações doutrinárias e acadêmicas, uma sabedoria a qual ele não teria visto se manifestar noutras potências coloniais. A não reconstrução do processo permite-se entender os equívocos de uma explicação dada sistematicamente nos pilares da descrição, que se denota, algumas vezes, apenas por oralidades. Para ele, a colonização prendia-se a uma intenção política articulada de tal forma para que não restassem outras possibilidades capitais, afim de que o entendimento, que se fazia sobre a atuação dos artífices do colonialismo para a busca de poderes, não desaguasse numa rebelião sem proveito para os detentores do poder político do século XIX.

Convém constatar que a arena política não se fazia subscrever propícia ao florescimento das ideias subversivas no contexto pelo qual Reclus vivera. Em sua *Gouvernement et administration de l'inde 1883*⁸, o professor Reclus continua com as suas narrações, ora mesclando uma descrição dos poderes a partir dos atos dos administradores, ora mencionava em estilo narrativo a maneira pela qual os instrumentos políticos eram utilizados para que se fizessem valer a conservação das unidades de poder.

⁸ Tradução para o português de Maria Cecília França

O poder tem suas marcas territoriais. Assim, o território quando posto como elemento indispensável à afirmação de um ideário dominante, e de demandas que se entrelaçam pelas relações políticas, faz-se referência ao considerar as disputa das riquezas e do desenvolvimento destas relações, antecessoras à construção e à elaboração dos receituários que privam o homem da liberdade e da felicidade. Mais uma vez Reclus lembra que o argumento elaborado não despreza as recomendações originárias do campo específico da própria ciência positiva na medida em que se exige a clareza, o cuidado, a descrição, o detalhamento das causas que constroem realidades artificiais e comandam os territórios que se fazem concretos justamente por escravizar os homens. Basta lembrar que neste contexto, poucas disciplinas tiveram um papel tão significativo quanto à Geografia. O controle do território, enfatizado por Raffestin (1978), pode ser percebido nos subterfúgios do pensamento de Reclus quando nota que a sociedade funda-se na intermediação do homem com a natureza, que se faz controlável, exatamente, como expressão das relações de poder.

O conhecimento, anunciado como causa deliberante de uma liberdade, é, em Reclus, outra temática complexa, pois acaba por exigir um divórcio entre a militância política e os saberes intelectuais gerados na práxis, ainda que isto não seja posto ou mesmo perseguido por ele. O resultado disto está nas explicações de Adorno (2006, p.194) *“só na aniquilação da questão é que a autenticidade da interpretação filosófica é primeiramente provada com sucesso, e o mero pensamento por si não pode conseguir isto”* De outra forma, na medida em que Reclus constrói sua trajetória intelectual autônoma e o faz autóctone de uma geração de geógrafos fugitivos, e ele próprio anuncia este divórcio, não o faz *per si* regido por vontades norteadas e subalternas de sua consciência e de sua condição social de cientista. Fleming (2007) nota uma simbiose entre o posicionamento político e intelectual de Reclus e uma urgência por reflexões que ultrapassem as fronteiras dos discursos e da não ação. Para Reclus, o primeiro cuidado deveria ser colocado no campo das ideias. O ideário reflexivo tende a buscar a contribuição teórica e encontrar terreno no campo das convergências políticas, ainda que extrapole os limites do diálogo e logo se evidencie nos obstáculos de uma atividade militante engajada, impessoal e consciente do exercício de suas funções. Nesse sentido, os limites de uma ação política, considerada perigosa pelo radicalismo, são postos e apresentados entre as leituras, fora do âmbito *acadêmico*, e o contexto pelo qual tais leituras eram realizadas. Clark (2007, p. 2) lembra que *“isso é lamentável, já que suas ideias são ainda mais relevantes hoje do que eram em sua época, quando era conhecido como o geógrafo sem lugar e espaço na França, e temido por muitos como um político radical e*

perigoso". Pode-se afirmar que o intelectual estava em atividade por conta de seu espírito ativista. Porém se faz necessário colocar que o processo de amadurecimento se concretizaria quando as ideias oriundas do movimento revolucionário do ocidente, que pareciam varrer o silêncio da pequena burguesia acomodada com os ganhos da fase posterior da revolução industrial, procura construir uma realidade que ainda estava e se fazia inconclusa. Reclus não enxergava quaisquer vitórias para o operariado e também não acreditava na tomada de conscientização viria fora das trincheiras e dos campos de batalha meramente construídos para um propósito libertário.

A força que demandava do pensamento do geógrafo subversivo não compunha um quadro cômodo, mesmo observando as contradições de um cenário político europeu do século XIX, em que a assistência aos pobres e a esperança de que a liberdade aconteceria, não era outra coisa senão a certeza reinante: de um lado, por conta da desorganização política do proletariado; do outro, a convicção ideológica de que os conservadores estariam no engajamento e de que os jovens anarquistas e ocasionalmente rebeldes não teriam qualquer chance de triunfo. Com isso, o florescer do ideário subversivo não se opunha às teses freqüentemente postas quanto à situação histórica do anarquismo, discutidas nos circuitos acadêmicos em que transferiam a uma escala temporal às conquistas da classe trabalhadora. Para Reclus, o tempo significaria uma etapa imprescindível à ação visto que as ideias vinculadas à práxis subversiva só adquiriam o devido amadurecimento ao serem testadas a partir de uma tomada de consciência que, entre outras abordagens, abrir-se-ia espaço para a temática do trabalho como uma questão essencial, porém não ontológica. Portanto, as tentativas de alcançar o poder não seriam colocadas no campo dos empreendimentos humanos, ao contrário, gestariam uma oportunidade para aperfeiçoá-las noutras ocasiões que se fizessem necessárias.

Considerações Finais

O passar do tempo despertara a coragem de que a dedicação ao estudo do trabalho operário e de suas relações com as forças produtivas e os meios de produção emergiria não somente um burguês novo, pujante e autoritário, emergiria também um operário convicto de que a luta só estaria apenas no começo. No receituário do anarquista, as ideias se curvam à realidade justamente pela não presença deste mesmo tempo que o torna esquecido entre seus pares. De outra forma, a resistência é algo que se

processa através de um quadro em que a liberdade é restrita e restringida aqueles que se opunham ao poder estabelecido. Entretanto, ela só é possível tendo a frente as finalidades políticas propostas e que se façam capazes de soprarem sobre as mais arraigadas mentes conservadoras a fim de que o levante revolucionário não seja apenas uma intenção na mente do intelectual. Esta interpretação requer aceitar as dificuldades propostas, pois denotam derrubar uma série de ideias imperantes.

A estruturação e o consolidar do movimento político reformista não põem em questionamento a situação do trabalhador rebelde, desenhado à sombra do incipiente quadro em que o trabalhismo organizado pela classe operária não é ontológico. A pequena elite econômica triunfava sobre suas conquistas técnicas e ideológicas e não admitia o fracasso de suas articulações. Reclus contrapunha com as marcas deixadas pela voraz revolução industrial - para ele ainda em curso - onde a situação deplorável do trabalhador e as instâncias políticas conservadoras para reprimi-lo ousavam desafiá-las. Deve-se ressaltar a importância de um militante *in loco*. Reclus não se opunha a rigidez dos professores franceses de sua época quando esta era basicamente comum no transmitir dos conhecimentos em consonância com uma ciência pensada quase que como uma doutrina. O geógrafo francês, entretanto, fizera de sua vida uma atribulada peregrinação pelos ideais que sustentavam, no ato subversivo de sua formação intelectual, suas convicções revolucionárias. Posto na clandestinidade pela própria comunidade de geógrafos academicistas, refletiu no cárcere o contexto em que estava inserido o proletariado europeu naqueles dias do século XIX.

Em Reclus, algumas questões ainda em aberto podem ser debatidas abertamente quando se considera o contexto pelo qual o modo de produção capitalista resolve suas contradições. É neste instante que todas as iniciativas que pontuam a relevância de se abordar as questões trabalhistas e, de uma forma especial, o trabalho como uma macro-categoria, devem estar no centro do debate nos dias do presente de forma inequívoca quando se constata a precarização do trabalho e o aprofundamento das crises oriundas do centro do próprio modo de produção capitalista.

O trabalho em Reclus não aparece claramente, o que não quer dizer que suas derivações doutrinárias não façam parte sorratamente de seus manuscritos. A situação do proletariado europeu, no século XIX, não aponta para esta sentença? Convém divergir de uma falsa verdade: o momento em

que a história, transmitida como evolução, considera o homem universal apto à liberdade, faz-se apenas por uma metodologia política a serviço da dominação. Que é capaz de refinar e ajustar à concórdia geral da opinião pública, o massacre dos opressores e as justificativas da dominação e da violência a qual o próprio Reclus, delas foi vítima. Note-se que seu engajamento e sua peregrinação revolucionários o fizeram transcender ao seu próprio tempo.

Bibliografia

ALTHUSSER, Lois. Sobre o Trabalho Teórico. 2ª edição Ed. Presença Ltda. Lisboa Portugal 1998.

_____ Aparelhos Ideológicos de Estado. 11ª edição São Paulo, Ed. Graal, 2010.

CLARK, John P. The Geography of Freedom: The Odyssey of Élisée Reclus, 2003.

FERNANDES, Florestan. ANDRADE Manoel Correia de. Elissée. Editora Ática, São Paulo, 1985.

FERRETTI, Federico, Philippe Malburet et Philippe Pelletier, Élisée Reclus et les Juifs: étude géographique d'un peuple sans État. Musique et harmonies, 2008.

FLEMING, M. The Theoretical Works and Political Activities of Elisee Reclus: A Study in the Development of Anarcho-Communism, 2002.

_____ Life, Liberty and Pursuit of A. Natural Order. The Anarchism of Élisée Reclus. 2007.

_____ The Geography of Freedom: The Odyssey of Élisée Reclus, 2003.

_____ The Anarchist Way to Socialism: Élisée Reclus and Nineteenth-Century European Anarchism. 2006.

KNOWLES, Rob. Kropotkin and Reclus: Geographers, Evolution, and Mutual Aid. 2009.

KROPOTKÍN, Peter Alekseevitch, P. Lorenzo, J. E. Peyrot. Reclus homenaje. Eliseo Reclus Oct 27-30, 2006. New Orleans, LA: Humanity and the earth/l'homme et la Terre: THE Legacy OF Elisee Reclus (1830-1905), 2003.

KROPOTKIN, Peter Alekseevitch (1842-1921), Oxford, 2008.

MIONI, Alberto. Le Transformazione Territoriali in Itália Prima Etá Industriale. Venezia, Marcílio Editori, 1987.

MACHLER-TOBAR, Ernesto. Un nom confisqué: Elisée Reclus et sa vision des Amériques, 2009.

POPPER, Karl. A Sociedade Aberta e Seus Inimigos, Itatiaia, Belo Horizonte, 1974.

_____ Lógica das Ciências Sociais, Tempo Brasileiro, Edunb, Rio de Janeiro, 1978.

RECLUS, Elisée. Pref. in Pierre Kropotkine: The Conquest of Bread. Clark, John P. The Dialectical

Social Geography of Elisée Reclus, 2007.

RAFFESTIN, Claude Pour Une Géographie du pouvoir. Litec, Paris, 1980.

_____ Notions et Concepts : Les Construits en Géographie Humaine. Lyon, Géopoint, 1978.

THOMSON, Alex. Adorno, A guide For The Perplexed. Publishing Group. London, 2006.

VINCENT, Jean-Didier. Elisée Reclus. Géographe, anarchiste, écologiste, Paris, 1999.

ZIMMERN, Helen. Elisée Reclus and His Opinions. London, 2003.